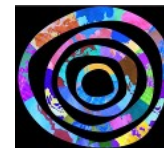


VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

MUNDOS SOCIAIS: SABERES E PRÁTICAS

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS



25 A 28 DE JUNHO DE 2008

ÁREA TEMÁTICA: Família e Gênero

Falas de mulheres: narrativas de trabalhadoras rurais em músicas e poesias.

DE BRITO MOTA, MARIA DOLORES

DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

domota@uol.com.br

Resumo

A fala é uma das dimensões do sujeito político veicular o discurso do seu projeto. As mulheres trabalhadoras rurais em seu processo de produção social constroem uma narrativa que conduz significados e revelações que se personificam em expressividades como as poesias e músicas produzidas e praticadas na militância e pelos quais enunciam-se e narram a sua história. Partindo da conquista da fala, expressam em poesias a vida sofrida, a luta, o próprio movimento de mulheres e a utopia, e através de músicas motivam a ação política, por meio de ordens ritmadas instaurando o lúdico na militância.

Palavras-chave: gênero, falas, trabalhadoras rurais, narrativa.

A narrativa como meio de criação social das mulheres trabalhadoras rurais

As organizações específicas de mulheres trabalhadoras rurais brasileiras instituem um movimento social que lhes permite um *aparecer, tornar-se visível* no espaço público e entrar definitivamente no mundo político sindical. Desse modo podem também ser ouvidas, com dizeres através dos quais apresentam um discurso no qual se revelam. Se a linguagem tem por função “nomear, isto é, suscitar uma representação ou como que mostrá-la com o dedo” como afirma Foucault (1995: 121), na fala designam-se, representam-se —não só no sentido de se saberem, mas como forma também de ser “auto-instituente explicitamente”, em palavras de Castoriadis (1995: 418).

Castoriadis orienta essa abordagem da construção das mulheres trabalhadoras rurais como uma categoria social na medida em que afirma que “as coisas sociais não são ‘coisas’, elas só são coisas sociais, e essas coisas na medida em que encarnam, ou melhor, figuram e presentificam, significações sociais” (p.400). As mulheres trabalhadoras rurais, enquanto coisa social, do mundo social, são uma criação, uma produção social, que encarna a sua própria inscrição nesse mundo. Fazem-se e revelam-se simultaneamente. Fazem-se por meio de ações e revelam-se por enunciados numa simbiose em que constituem significados. Nesse processo de produção social, constroem uma narrativa que conduz significados e revelações.

Essa narrativa das mulheres trabalhadoras rurais se manifesta por discursos pelas quais dizem de si e ou para si e se são personificados em expressividades que, pela interpretação social, acabam sendo convertidas em maneiras “próprias” das trabalhadoras rurais fazerem política nos seus movimentos.

Ao refletir sobre os movimentos sociais como “espaços de conquista, luta e discriminação da mulher enquanto sujeito público e, mais do que isso, político”, Pinto afirma que é a própria situação de exclusão que as categorias e grupos sociais experimentam que vai lhes permitir figurar-se como “potenciais detentores de recursos para exercerem o poder” (1986:130). Recursos que certamente adquirem reconhecimento na experiência política.

Em seu caso específico, o movimento de mulheres trabalhadoras rurais é organizado em torno de demandas específicas ao Estado, que passam pela reivindicação e conquista de direitos (inclusive o reconhecimento da categoria profissional “trabalhadora rural”), ao mesmo tempo em que como movimento de mulheres assume um caráter feminista de “luta contra uma condição dada historicamente pela desigualdade das relações de gênero... que perpassa todas as posicionalidades do sujeito em sua vida cotidiana” segundo Pinto (idem: 132). Essas mulheres enfrentam o desafio de superarem condições de exploração como trabalhadoras, e condições de subordinação, como mulheres.

Enquanto grupo em autoria, as trabalhadoras rurais adentram o mundo público transportando seus atributos e signos de mulheres rurais que se manifestam de várias maneiras — dentre as quais elegi os poemas e as musicas, consideradas como modos de expressar a fala, produzidos e exercidos na militância enquanto rituais a partir dos quais enunciam-se.

O movimento das mulheres trabalhadoras rurais pode ser compreendido como espaço constituído e constituinte de práticas, hábitos, representações onde o ordinário comum e pesado da militância convive (escondendo-se e processando-se) com o extraordinário, leve e utópico dos sonhos e desejos das agentes sociais que o integram. Nesse palco, de entrelaces entre dramas e lúdicos, observei o lado corriqueiro, porque é nele que se instala e se fomenta a visibilidade dos movimentos sociais através de seus ritos, suas formas, suas imagens, seus símbolos, seus gestos componentes de uma experiência singular .

Nessa experiência o processo auto inventivo situa-se em vivências corpóreas e simbólicas dos indivíduos. As formas de dizer exprimem uma narrativa que estabelece significações tanto individuais e coletivas pelas quais podem ser reveladas as diferenças e construída identificações.

Ao pensar sobre a esfera pública, Arendt (1995) afirma que “o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos” (p.59), e pode se concluir junto com essa autora que realidade é o que é visto e ouvido por nós e pelos outros. As mulheres trabalhadoras rurais, antes de se constituírem como categoria política presente publicamente, estiveram colocadas nos lugares obscuros e fora da acústica da história. Foi no/ou pelo movimento social que conquistaram uma voz e se fizeram ouvir, construindo um espaço próprio no campo da luta política. Falam no movimento — para as outras/para si — e falam através do movimento — para os outros. Tornam-se interlocutoras na vida política nacional. Como mulheres da zona rural, integrantes de uma cultura particular e submetidas a relações de subordinação que determinam seu trabalho como ajuda ou complemento, são portadoras de signos que se veiculam por meio de expressividades particulares no universo da política sindical rural. Essas expressividades vão se estabelecendo por interligações entre o que lhes é dado no seu cotidiano de mulheres da roça como um jeito de ser mulher, e o que as pressiona no mundo da política — seja oprimindo ou exigindo, em meio aos quais elaboram suas próprias formas ou artes de dizer. Tais expressividades vão sendo interpretadas e legitimadas, como “próprias” ou “características” dos movimentos de mulheres trabalhadoras rurais, tomadas como formas de um dizer singular.

Castro (1995), ao estudar as relações de poder entre homens e mulheres no espaço sindical, leva-nos a concluir que as tecnologias de poder têm uma face apoiada em relações de gênero, o que as torna também tecnologias de gênero, usando termo de Lauretis (1994). A autora refere-se a como as bancárias subvertem, no sindicalismo, a linguagem de modelo marcial, por uma linguagem erótica, irônica e até debochada, entendendo que “o uso da linguagem performática é uma sutil busca por legitimar uma voz singular” (p.38). Isso exprime um novo na cultura sindical pela “inclusão de temas (des)classificados ou não codificados como relativos aos interesses de classe” (p.39). No caso particular das trabalhadoras rurais, encontramos poemas e músicas constituindo uma linguagem específica mesclada às condições de vida, das lutas, emoções, religiosidade, enfim: temas não institucionalizados na tradição estritamente política.

Para enunciar uma narrativa própria, as mulheres trabalhadoras se valem de expressões particulares, através de poemas e músicas que exprimem significados pelos quais se definem e se constroem, ao tempo em que superam alteridades construindo uma unidade interna, enfrentando situações de disputas decorrentes do fato de serem mulheres no espaço político — espaço que se impõe como masculino.

Nessas narrativas articulam conflito, rito e comunicação, reivindicando o testemunho da própria existência por meio de “um conjunto de comportamentos simbólicos repetidos [que] fornece uma espécie de resposta à incerteza...” (RIVIERE, 1997:87). Qual incerteza? A sua própria existência, tomando como ponto de partida o grande compromisso que se atribuíram desde quando se constituíram como um grupo singular, para intervir no campo da política sindical rural. A palavra institui também um lugar, porque toda fala supõe um lugar no qual ela é emitida. Assim, poder falar é poder ser. “Se nós mulheres não contarmos nossa história, ou alguém contará por nós e de forma que talvez não retrate a verdade, ou então ela será esquecida. Portanto, somos nós mulheres que devemos registrar a nossa história”. (Relatório do I Encontro Nacional da ANMTR, 1995.)

A conquista da fala e seus lugares no movimento de mulheres trabalhadoras rurais.

O processo de constituição de uma fala legítima envolve complexidades, quando recortamos uma certa realidade para observar como um grupo, sob relações de subordinação — como é o das mulheres rurais —, elabora uma narrativa própria. Conforme Arendt (1995:189), “é com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano”. A inserção das trabalhadoras rurais na esfera pública ocorre em meio a estruturas que eternizam uma divisão sexual, apesar de todas as mudanças já ocorridas na condição feminina.

No interior do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais, encontramos cantos e poesias que se tornam parte da sua atividade política — uma forma de militância. Parece estabelecer-se um circuito em que ver, ouvir, conhecer, conduz necessariamente para um contar e recontar de muitas maneiras. O contexto em que se insere essa forma de fazer política é formado pelos movimentos populares, sobretudo aqueles em que se verifica a atuação de ONG's e da igreja — e onde se imprime uma metodologia de trabalho popular permeada de dinâmicas que favorecem e estimulam expressões populares. Embora importante, não será colocada nesse momento o papel das chamadas assessorias populares e sua metodologia de trabalho popular. O que é relevante para a questão em pauta neste trabalho é que, espontânea ou não, essa forma de “comunicação popular” encontra uma forte ressonância no interior dos movimentos de mulheres rurais.

A diversidade de formas de comunicação-expressão possibilita uma constante troca de experiências, que parece aproximar-se do que Doimo (1995) concebeu como falas duplas, multiplicadas, cuja possibilidade está em atuar “como recurso para a costura interna de um campo de movimentos” (p.125). Nesse sentido, as diversas formas pelas quais as falas das trabalhadoras rurais se desdobram poderiam ser entendidas como dispositivos de reafirmação e fixação de laços, além de estabelecer valores e atributos de um tipo de militância como combatividade, compromisso, a disposição de luta, a crença na vitória; permitindo dissolver conflitos e disputas internas e talvez o mais básico de toda a ação política — o contar a própria história, atestando a sua existência no mundo.

Para a autora supracitada, essa forma de prática que se desenvolve no interior dos movimentos populares possibilita uma homogeneização da linguagem e reafirma códigos ético-políticos. Cria-se, então, um campo ético-político baseado numa linguagem comum e num mesmo simbolismo verbal que articula a construção de um sentimento de pertença.

Tomando alguns depoimentos de trabalhadoras rurais do norte do Ceará, incluídos no livro “História na Mão”, de Maria Alice McCabe (1994), encontramos uma fala sobre a fala. Este livro é um projeto de história oral, baseado em histórias de vida de oito (8) camponesas cearenses que participam do movimento de mulheres.

Falando sobre o modo como iniciaram a sua participação no “movimento”, todas as mulheres enfatizam o momento em que experimentaram o falar como fala autorizada. A conquista da fala aparece como a indicação de um ato de ruptura entre um *antes*, quando não se sentiam “como gente”, e um *depois*, em que reconhecem o seu próprio valor. Cada uma, a seu modo, expressa esse momento.

“Até essa época (da reunião) nós sabia que nós num tinha voz a nada. Era pobre. Num tinha... Num era gente. E num tinha vez de conversar com ninguém... ninguém num escutava pobre...”

(Rita de Cássia. Jeritiana)

“De primeiro, nós pobre não tinha o próprio som da gente... não falava pra sociedade. Quando era pra falar tinha de ter uma pessoa que falava pela gente. A gente tinha medo... se trancava... não sabia o som da gente. Com o movimento a gente aprendeu a falar e agora tem som... nunca mais vai parar fôlego.” (Joana. Correguinho)

“Mas também mais difícil mesmo foi pra trás, quando a gente num sabia nem sequer conversar... Aí eu achava que podia num tá certo, aí num falava. E hoje em dia, embora que esteja certa ou que não esteja, eu não tenho medo de falar”. (Gesilda. Correguinho)

“...eu tinha até vergonha de falar. Se uma pessoa dizia: ‘Mulher, o que achas? Fala, mulher.’ Eu só dizia: ‘Não sei’. (Maria José. Correguinho)

“Mas eu num tinha coragem de falar. Depois da luta foi que comecei a fazer poesia. No tempo d’eu jovem nunca experimentei. Foi só depois da luta”. (Diana. Tremembé-Varjota. É poeta sem saber ler nem escrever.)

“Assim como a gente pode tá cuidando da cozinha, o marido também um dia pode ficar e cuidar. A gente tinha de clamar os direitos da gente... Eles descobriram com nossa clamação”. (Conceição. Tremembé-Varjota)

“Que a gente responde a qualquer cidadão, seja ele qual for. Que a gente já exponha o pensamento da gente em qualquer canto, que a gente não admite mais, quando não aceita uma coisa, ficar calada.”

(Nazaré. Itapipoca)

Esse tipo de fala aprendida e realizada no movimento social é uma fala pública, pela qual narram sua vida e seu ser. Estas declarações acima transcritas exprimem uma fala temporal, que estabelece épocas diferentes - o antes e o depois. O antes como o não lugar, a não existência, porque havia o medo e a vergonha de falar — era o impedimento de se revelar. Depois, no movimento, veio o tempo da *clamação*, do reconhecimento, sem certo ou errado — o que vale é não calar. Essa temporalidade exprime — ou é representação — de uma conquista e de uma mudança, cujo processo experimenta-se em perder a vergonha e o medo de si mesma e sentir-se como os outros. Escutar o próprio som é escutar-se, perscrutar-se, mostrar-se. Através do exercício de falar parecem atinar uma consciência de si — e desse modo dar-se conta de um “viver como ser distinto e singular entre iguais” (ARENDR, 1995:191). Saber e ouvir seu próprio som é se escutar, se reconhecer.

O falar é também a possibilidade de articulação, aproximação e afastamento em relação aos outros no mundo. Tanto no sentido dos outros da mesma categoria como dos outros diferentes e diversos.

“E nós desejamos divulgar pra eles também, passar a eles, que a gente tinha direito de caminhar juntos e de ser gente. E tinha direito no mundo. O mundo era pra nós também.” Rita de Cássia

Nessa fala está um compromisso de levar até outros essa conquista da possibilidade de falar, o que justifica e motiva as trabalhadoras rurais a internalizarem para si a realização da “luta das mulheres”. O falar das mulheres trabalhadoras rurais sobre a conquista da fala insinua-se como uma conquista de si —colocando essa experiência no meio da discussão sobre a articulação entre cidadania e subjetividade. Essa problemática revela a natureza diversa e múltipla do movimento de mulheres, que se “nutre de muitas energias”.

A existência de uma fala própria é também fala apropriada para cada momento. Assim, o falar remete-se a estratégias que Bourdieu (1994) qualifica como um “falar adequadamente”, envolvendo a produção do “discurso adequado numa situação determinada”, que traz questões como: quando é preciso falar, calar, falar essa linguagem ou aquela (p.158).

É freqüente nos eventos do movimento das trabalhadoras rurais, seja reunião, encontro, congresso, estudo, assembléia, as participantes leiam poesias feitas para falar de experiências passadas ou da própria atividade que se está vivendo. Outra prática comum é a de começar ou encerrar trabalhos com cantos feitos ou adaptados por elas mesmas. Nos relatórios que são feitos dos encontros e reuniões, encontramos impressos estas poesias e cantos. Existem algumas publicações de poesias e musicas de autoria das trabalhadoras rurais que mostra a importância dessa produção.

A fala dessas mulheres não é a fala característica da política — aquela dos discursos e das disputas, ou dos documentos oficiais, manifestos. A fala a que vamos dar destaque é uma fala mais ritualística, na medida em que se realiza em momentos

determinados e de natureza não política em sua origem — mas que se tornou apropriada pela prática política dos movimentos populares, especialmente o movimento de mulheres rurais.

Em algumas atividades realizadas pelo movimento sindical rural — como encontros, congressos, manifestações públicas — é muito comum que as mulheres formem grupos de animação para descontrair e estimular os (as) participantes com cantos e poesias. Esses grupos de “animadores” podem ter presenças masculinas, mas a sua maioria é composta por mulheres. Essa forma de dar mais vivacidade e dinamismo às atividades políticas é, muitas vezes, encarada pejorativamente por muitos homens ou pessoas externas a essa realidade. A estranheza com relação a tais formas de expressão talvez se ligue ao fato de não serem exatamente as formas tradicionais do discurso e da ação política. Mas é justamente aí que reside o seu caráter de novidade, na medida em que se mostram eficazes politicamente, imprimindo uma fala diferenciada no espaço da política sindical dos trabalhadores rurais.

Poesias de trabalhadoras rurais narrando histórias e utopias.

Saudações às participantes do *I Encontro Latino-Americano e do Caribe das Mulheres Trabalhadoras Rurais*. 14 a 19 de setembro de 1996- Fortaleza - Ce

“Graças a todas as mulheres

neste presente momento

quero demonstrar a todas

meu grande contentamento

de receber delegadas

para o nosso grande evento.

Conhecemos nossa força

no ramo da produção

dentro da agricultura

fazemos alimentação

pro povo do mundo inteiro

com coragem e precisão.

...Estamos muito felizes

em recebê-las aqui

laços fortes de amizade

nós queremos construir

e muitas informações

teremos que repartir.

Viva a América Latina

e o Caribe, forças mil

nosso entrelaçamento

nesse instante surgiu

aceitem o abraço de todas

as mulheres do Brasil.”

(Nazaré de Souza. Trabalhadora rural, Itapipoca-Ce.)

Esse poema é uma fala política e emocional. Por todo o seu texto desprendem-se palavras de sentimentos como *contente*, *abraços*, *carinho*, *felizes* que fazem a exaltação do encontro, da força e da coragem das participantes. Foi com esta poesia que as trabalhadoras rurais do Brasil receberam as 134 delegadas e os 93 participantes desse encontro continental. Está transcrita também no seu relatório final. Utilizar a poesia para iniciar eventos, relatar idéias, apresentar trabalhos, contar histórias de lutas e experiências é uma prática muito comum no movimento das mulheres trabalhadoras rurais. Muitos homens trabalhadores rurais fazem poesias e muitas vezes lhes dão esse mesmo uso em certas ocasiões e em certos lugares, como nas comunidades e lutas — mas não no movimento sindical, lugar ocupado majoritariamente por homens. As mulheres organizadas levam esse fazer para o interior do sindicalismo.

As trabalhadoras rurais chamam de poesia a todo o poema rimado que escrevem. Escrevem dessa maneira ou utilizam essa forma de expressão em momentos específicos de sua militância, como para saudar, convidar ou apresentar (elas próprias ou a temas) em aberturas de eventos; para relatar e avaliar uma atividade realizada ou para narrar uma história, uma luta.

O poema como expressão não é uma forma tradicional da política, codificada no *habitus* desse campo social. A expressão mais instituída como fala política é o discurso — combativo, duro, argumentativo, impiedoso e forte. O poema exprime sentimentos, histórias, lutas e utopias. Denuncia, conta e emociona. Registra, também. Tudo em forma de cordel, com versos rimados. Assim são as poesias das trabalhadoras rurais. Seguem o modelo de uma expressão típica do mundo rural no Brasil — o cordel. É um falar que permite às mulheres expressarem-se, revelarem-se no território do sindicalismo rural.

Este falar legitima uma voz diferente, dissonante — que vem das mulheres por meio de uma forma cultural legítima e apropriada ao espaço rural. Dessa maneira, a fala poetizada pode ser uma tática feminina para transitar num ambiente em que se acham em desvantagem, inclusive por não serem consideradas como portadoras da mesma experiência política que os homens:

“As propostas que a gente dá não tem a mesma validade das propostas dos homens e a experiência também eles acham que não é a mesma, e aí eu até concordo, por exemplo nós mulheres, a gente de experiência mesmo no movimento sindical somos novas... E aí eles querem comparar a experiência que eles tem com a nossa, e eu acho que a gente por termos essa experiência nova nas direções a gente já avançou muito e precisa avançar muito mais...”
(Graça, Coordenadora do Coletivo Estadual de Mulheres - FETRAECE)

As próprias mulheres justificam o estigma de sua pouca experiência na direção política, no comando, para o qual se preparam para enfrentar — como relata uma outra liderança, a Luiza:

“...se você não for forte você entregaria os pontos... se você não tiver força moral os homens lhe passam a rasteira mesmo que é pra no final dizer: ‘— Olha, mulher não tem competência, mulher não serve.’ E você tem que ser esperta... quando ele pensa que tá te dando uma rasteira, tu já tem dado nele primeiro.”

A poesia parece ser usada no sentido pensado por ARENDT (1995:121), quando se referiu à palavra como meio através do qual "o autor se identifica, anuncia o que fez, faz e pretende fazer". O uso dos poemas apresenta algumas funções diferenciadas, como já referimos. Para abrir eventos fazendo saudação ou introduzindo temas no início de eventos. Na abertura do *I Encontro Latino-Americano e do Caribe de Mulheres Trabalhadoras Rurais* também foi lido um poema escrito por Nazaré — uma trabalhadora rural cearense, organizadora deste encontro.

O mesmo ocorreu no *I Encontro Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais*, realizado em Jundiá - São Paulo, entre os dias 19 e 24 de outubro de 1995 — que teve como lema "Mulher Trabalhadora Rural: amante da igualdade... é preciso ter força, é preciso ter garra... sempre". Na abertura desse encontro foi lida uma poesia com as idéias desse lema. Não há referência quanto à profissão da autora do poema no relatório desse encontro. Muitas vezes assessoras e colaboradoras também os escrevem.

"Para cada mulher que está cansada de atuar
de maneira tímida mesmo sabendo de sua força,
existe um homem que está cansado
de parecer forte quando se sente vulnerável.
Para cada mulher que está cansada de atuar
Como se fosse uma ignorante
Há um homem deprimido pela exigência de saber tudo.
Para cada mulher que está cansada de ser qualificada
Como ser altamente emotivo,
Há um homem, a quem se nega o direito
De chorar e de ser delicado...
...Para cada mulher que caminha
Em direção a sua libertação
Há um homem que descobre que o caminho para a
Liberdade tem sido, para ele, um pouco mais fácil."
(Mabel Burim)

O poema, ao fazer o anúncio da vida das mulheres, situa uma perspectiva de compreensão e de aproximação, forjando cumplicidade pela identificação entre todas as mulheres, preparando para o estabelecimento de uma unidade. Na seqüência do encontro nacional, o grupo representante do MMTR-Ne apresentou a sua história de surgimento e

formação em forma de versos. Fazendo versos vão construindo uma poética da própria existência, montando, consolidando, repetindo e significando uma memória particular.

Alguns versos dessa apresentação:

“...Para uma integração
Pernambuco se juntou
Com a nossa Paraíba
Que também se articulou
Assim o primeiro encontro
O Nordeste registrou.

...Não deixe alguém decidir
Nem seu pai nem seus avós
Nós já fomos sufocadas
Agora liberte a voz
Faça o que pode fazer
Pra ninguém fazer por nós.

Em Bertioga ficou
As mulheres reunidas
As mulheres feministas
Mais fortes, mais decididas
Na luta pelos espaços
Melhores das nossas vidas

Aprenda que a mulher
Que não tem identidade
Vive em função de alguém
Não vê sua qualidade
Do valor que ela tem
Não reconhece nem a metade.

...Ainda em 86
O Nordeste esteve aqui
Trazendo suas mulheres
Se fez em Barueri
Um dos encontros mais fortes
Que até hoje vi

É com essas qualidades
Que estamos capacitando
Articulando nas bases
Aos grupos reforçando
Movimento registrado
Regional comandado.

...Isso alguém provará
Nos encontros já falados
Novas metodologias
Novos pontos de trabalho
Nos cursos de formação
Sete encontros registrados

Destas forças positivas
Da região nordestina
Em tudo estamos presentes
Do grupo de base à China
Passando num desafio
Pela América Latina.”

Tomando 56 poesias de um livro organizado pelo Movimento de Mulheres Unidas na Caminhada (MMUC) de Santa Maria da Vitória/Coribe-Bahia, publicado em 1992, podemos considerá-las em seu conjunto e distingui-las pela temática dominante. Em relação à temática abordada, 15 poesias exaltam e celebram o *8 de março*, dia internacional da mulher; 6 referem-se a encontros e reuniões; e o restante exprime a vida, o trabalho, a família, o “movimento” e a luta.

Nenhum poema tem título — todos receberem o mesmo tratamento de poesias. A linguagem é transitiva com poucas metáforas. Referem-se fundamentalmente ao que vivem na vida cotidiana: o trabalho na roça e em casa, a discriminação e o machismo, a falta de compreensão e afeto do marido, a organização e a luta do movimento, a fé e a crença na vitória da conquista de uma libertação.

Nos poemas sobre o *8 de março* encontrarmos submersa uma fala mítica, que vai construindo esse dia como um dia-símbolo, importante por seus significados que possuem a força de promover uma consciência da necessidade de organizar, de lutar, capaz de dar ânimo e combatividade — e de trazer a certeza da vitória contra a opressão pela conquista de direitos e da libertação.

Isso expressa a montagem de uma utopia, na qual o *8 de março* é feito um símbolo portador de significados como força, resistência, união e vitória das mulheres contra a discriminação e as injustiças. Há sempre um forte apelo das palavras para não se esquecer esse dia, cravando-o na memória de cada uma e de todas, marcando uma temporalidade longa.

“Companheiras, que grande animação

Nós todas reunidas

Fazendo celebração

Lembrando das companheiras

Que morreram na luta

Nos dá mais animação”

(Helena. SMV-Ba)

“Vou terminar esses versos

Com prazer e alegria

De estarmos todas juntas

Comemorando esse dia”

“Todas mulheres do campo

E da cidade também

Vamos lutar com coragem

Que a vitória já vem”

(D.Nega. SMV-Ba)

Quanto aos poemas que foram feitos sobre encontros e reuniões, ressaltam mais os aspectos relacionados com o valor da organização, da união, da luta que vai libertar e da situação vivida por elas no trabalho e na família:

“Nós mulheres descobrimos

Através de nossa organização

Nós temos de lutar juntas
Em busca da libertação”
(Otília. Coribe-Ba)

Quando estamos nas reuniões
Mas quando volta para casa
Fica sem solução”
(Ana Xavier. SMV-Ba)

“Descobrimos muitas coisas

Examinando a maioria dos poemas que fazem uma abordagem genérica da realidade em que se encontram inseridas, constatamos que eles estabelecem uma relação direta entre mulher e pobreza. Mas de alguma maneira assumem politicamente essa imagem, porque a mulher enquanto é apresentada como sofredora, escravizada, é também aquela que está em luta pela libertação — ou então, que deve assumir essa luta.

Descrevem a vida vivida no trabalho e na família, a condição discriminada da mulher, a opressão do machismo, a descoberta dos direitos através do movimento, a dificuldade e a alegria da luta coletiva, a fé na ajuda dos santos — e anunciam a libertação e a vitória.

Sobre o trabalho na roça e na família, as falas se confundem — talvez porque estas duas realidades estejam tão ligadas em sua vivência que só são representadas articuladas. As palavras que mais são usadas para exprimir estes contextos são: escravidão, cativo, sofrimento, sufoco, peso, opressão, pobreza.

“A mulher e o marido
Trabalham juntos num galpão
O marido ganha mil
E a mulher ganha um tostão
Só porque ela é mulher
Não é certo, não”
(Angelina-Ba)

Estamos cansadas de lutar
Pois não saímos do cativo”
(Ana Xavier. SMV-Ba)

“Estamos numa situação triste
Por falta de dinheiro

“As mulheres de Nova Posse
Não tem nem uma diversão
Vivemos num sufoco
Em grande escravidão”
(Mulheres de N. Posse, Serra do Ramalho-Ba)

Dos maridos falam de modo queixoso mas com solidariedade; mostram preocupação e compreensão, ao mesmo tempo em que se referem à falta de compreensão, de participação e até de desempenho sexual por parte deles.

“As mulheres antigamente

Não pensavam em se organizar
Só cuidavam dos filhos e da casa
E da roça pra trabalhar
O marido só trabalha na roça
E quando chega vai deitar”
(Grupo de Mulheres/Coribe-Ba)

“O marido que bebe
E diz que o perigo está na mulher
Mas de dia ele bebe
De noite ele não quer”
(Iolanda-Coribe-Ba)

O movimento político das mulheres é apresentado por meio de palavras como união, conscientização, lutas, organização — com chamadas para alcançar a vitória e a libertação. Essa luta que vai alcançar a vitória conta com o apoio e a ajuda divina — em que os santos podem servir de modelo ou de reforço:

“Mãe de Deus, Nossa Senhora
Lá no céu tem alegria
De nos ver reunindo
Fazendo uma grande harmonia”
(Atila. Coribe-Ba)

“Mulheres Unidas na Caminhada
É o nome do Movimento
Vamos lutar com animação
Jesus Cristo nos ajuda a vencer a opressão.”
(Leonice. SMV - Ba)

Estas, enquanto falas transitivas, são motivadas diretamente pela experiência e são construídas dentro de uma ação política. É num campo político, portanto, que as mulheres trabalhadoras encontram as condições para a produção e recepção de um discurso próprio, sobre suas vidas e seu sentir.

Músicas para cantar a vida e animar a luta

“Quando eu passei ao movimento de mulheres, aí eu comecei a fazer músicas com referência à vida da mulher. E na música eu descubro muitas coisas. Na música eu descubro alegria, a simpatia, o público que você pode atrair. E outra coisa que eu descubro é que através da música você pode expressar até o sentimento onde você quer. E ninguém empata. É! Você diz uma frase bem dura na música a qualquer cidadão e ele aceita rindo. Porque na música você expressa seus sentimentos de uma maneira que o cara não tem como dizer ‘não’.” (Nazaré Flor)

No movimento de mulheres trabalhadoras rurais do Ceará, destaca-se Nazaré, moradora do assentamento rural de Maceió, em Itapipoca, como uma autora de muitos poemas e canções dirigidas para a luta das mulheres. A sua produção é tão significativa, que o CETRA organizou num Caderno muitos de seus poemas e canções para publicar. A apresentação desse Caderno foi escrita pela própria Nazaré, porque não há ninguém melhor do que ela para apresentá-la. Num trecho dessa apresentação ela diz:



“Desde criança sempre teve muito amor à música. Sempre que aprendia uma letra, logo interpretava o seu significado e, reconhecendo o poder que a música tem, assim que abraçou a luta popular através das comunidades de base, fez a bonita e revolucionária música: **‘Vida e Religião’**, depois **‘Agricultor em Tempo de Seca’**; **‘Brasil Colônia’** e **‘A Poesia Propaganda de Natal’**.

O tempo passou e não podendo passar para outro papel em letra datilografada, perdeu todo este trabalho que por ora só guarda a lembrança que fez, mas não as tem nem na memória.

Continuando a luta popular, começou a participar do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais de seu Município, depois no Estado e mais tarde no Nordeste. Despertou o desejo de cantar a vida das mulheres e assim iniciou um novo trabalho, com novas letras em relação à mulher.

Sendo devota da Virgem Maria, em quem muito se inspira para a luta em favor dos sem vez e voz, fez a primeira música em relação à mulher, louvando a Mãe de Jesus com o título **‘Mulher Modelo’**, e depois: **‘Esta Luta não é Fácil’**, **‘Vem Irmã, Comigo’**, **‘Vem Mulher, Ser Mulher’ (Afetividade)**, **‘8 de Março’**, **‘Mulher, Vem Fazer História’**, **‘Mulher e a Produção’**, **‘Onde Estão Nossos Direitos?’**, **‘Xote da Conferência’**, **‘Cantando o 1º ENLAC’**, **‘Gênero em Igualdade’**, **‘Mistério Mulher’**, e ainda mais **‘Hei, Brasil** e **‘O Homem do Deserto’**, e outros.”

E assina como Nazaré Flor. Flor é uma escolha pessoal, para apresentar-se artisticamente, é um nome artístico. Não falta música nas atividades mobilizadoras e significativas das trabalhadoras rurais. Encontros, seminários, congressos, plenárias — estes acontecimentos que são preparados e convocados com antecedência dispõem sempre de uma apostila ou folhetos com músicas para serem cantadas no seu decorrer.

A música é usada nas aberturas dos eventos, muitas vezes antes de qualquer discurso ou fala mais articulada. A música faz as mulheres levantarem das cadeiras, aproximarem-se, movimentarem os corpos, baterem palmas, darem risadas — e algumas vezes se comoverem também. Dá “animação” e leveza, descontraí, estimula. Quando já há um tempo longo ocupado com discussões que se tornam cansativas — ou quando as participantes estão dispersas —, canta-se para restaurar a atenção e a disposição. Tem uma função diferencial da poesia. A música anima, celebra, incute valores e esperança.

A partir do seu uso nos movimentos de mulheres trabalhadoras rurais, a música tem diferentes atribuições que motivam a ação política. Estimula e justifica a luta por meio de ordens ritmadas — e instaura o lúdico na política.

Existem muitas músicas que circulam nos movimentos de mulheres trabalhadoras rurais. A produção e a circulação musical é livre. Quanto à autoria, a maior parte dessa produção é realizada pelas próprias trabalhadoras. Mas algumas músicas são feitas por assessores(as), colaboradores(as), padres. Algumas vezes a autoria é explicitada nas reproduções — mas de um modo geral, ficam sem identificação. Utiliza-se também músicas do circuito comercial, de cantores conhecidos.

No “Caderno de Cânticos” — elaborado e distribuído para as participantes do *1 Encontro de Trabalhadoras Rurais Diretoras da FETRAECE e dos STRs do Ceará*, encontramos músicas de várias autorias, como: “Maria Maria” — de Milton Nascimento/Fernando Brant, “Mulher da América Latina” — de Pe. Zezinho, e de trabalhadoras rurais. Alguns trechos dessas músicas:

Mulher da América Latina



“Descreve do jeito que bem entender
Descreve, seu moço! Porém não esqueça
De acrescentar que eu também sei amar
Que eu também sei sonhar, que meu nome é mulher.

Descrê meus olhos, meu corpo, meu porte
Me diz que sou forte, que sou como a flor
Nos teus preconceitos de mil frases feitas
Diz que sou perfeita e sou feita de amor.

...Descreve do jeito que bem entender
Descreve, seu moço, porém não esqueça
De acrescentar que eu também sei amar
Que eu também sei lutar, que meu nome é mulher!”

Entre as músicas mais cantadas, tomando o seu conteúdo, encontramos palavras de ordens que motivam, justificam e estimulam as mulheres para a ação política:

Esta Luta não é Fácil

“Esta luta não é fácil, mas tem que acontecer
A mulher organizada tem que chegar ao poder.
Vamos juntas, companheiras, vamos botar pra valer
Vamos quebrar as correntes do machismo e do poder...”

(Nazaré, Itapipoca - Ce)

Essa é uma das músicas mais cantadas pelas mulheres rurais — especialmente nas chamadas reuniões de base, aquelas que acontecem nas comunidades. O seu refrão expressa claramente a preparação das mulheres para uma luta que não é fácil — mas que juntas podem vencer, conquistando o poder. Não é só um canto que anima e alegra, mas que forma um tipo específico de consciência e ação política.

Sem Medo de ser Mulher

“Pra mudar a sociedade do jeito que gente quer
Participando sem medo de ser mulher.
Porque a luta não é só dos companheiros,
Participando sem medo de ser mulher.
Pisando firme sem pedir nenhum segredo,



Participando sem medo de ser mulher.
Pois sem mulher a luta vai pela metade,
Participando sem medo de ser mulher.
Fortalecendo os movimentos populares,
Participando sem medo de ser mulher.
Na aliança operário-camponesa,
Participando sem medo de ser mulher.
Pois a vitória vai ser nossa, com certeza,
Participando sem medo de ser mulher.”

(Nazaré, Itapipoca - Ce)

Embora esta música não seja oficialmente o hino das mulheres trabalhadoras rurais, é talvez a mais conhecida e cantada. O revigoramento da auto-estima, pela valorização da participação das mulheres na mudança da sociedade, estabelece o reconhecimento e a força feminina no mundo da política. A música introduz o lúdico, a força, o ânimo e a animação na prática política das mulheres. Faz a política ser um lugar de alegria e de movimento, do corpo e da ação. A política, assim, é tornada atrativa para as mulheres — e transforma-se numa experiência onde o lúdico faz parte da luta, por apelos femininos.

Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. São Paulo: Forense, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. “A economia das trocas lingüísticas”. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- CASTRO, Mary G. e ABRAMOVAY, Miriam. **Engendrando um novo feminismo. Mulheres líderes de base**. Brasília, UNESCO, 1998.
- CASTRO, Mary G. e LAVINAS, Lena (1992). “Do feminino ao gênero: a construção de um objeto”. In: COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina (org.). **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 216-251.
- FOUCAUT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo, Martins fontes, 1995.
- LAURETIS, Tereza de. “A tecnologia do gênero”. In: HOLANDA, Heloisa B. (org.). **Tendências e Impasses. O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 24-38.
- MACCABE, Maria Alice. **Uma História na Mão**. Fortaleza: CPT, 1994.
- PINTO, Celi R. “A mulher como sujeito político: o caso latino-americano”. In: **Revista de Ciências Humanas**. Rio Grande do Sul: UFRS, 1986
- RIVIERE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1997.